



OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.ºs	Semest. 18 n.ºs	Trim. 6 n.ºs	N.º à entrega	36.º Anno — XXXVI Volume — N.º 1236
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	\$950	\$120	30 de Abril de 1913
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—	
Estrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—	

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus,
Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE sem o que não serão attendidos.

CRONICA OCCIDENTAL

Exalta-me a alma o ardor místico do officiante que ergue, com carinho e admiração e amôr, a patena sacra, aos ceus altíssimos.

Eu sacrificio na Ara da Poesia.

E ao começar a falar-vos da altíssima personalidade literaria e artistica de Antonio Corrêa d'Oliveira — eu sinto que a Poesia, neste momento, Nele marmorisa a sua mais bela e arrojada idealidade. E por isso, encaro-o em pleno Espirito, fóra de todas as relatividades de tempo e espaço, alevantando-se e transparecendo no Absoluto, num Infinito sem ceu, liberto da poeira que os mundos revoluteiam e resumem.

Ele é o Triangulo-Místico radiando intensamente sobre a racionalidade-sombra do meu espirito. Ele é o Sol — e eu fito o Sol. E fitando-o, a sombra que eu sou, n'este momento, não distingue sombras-irmãs naquelle Claridade. A sombra fita o Sol — e prostra-se e desaparece.

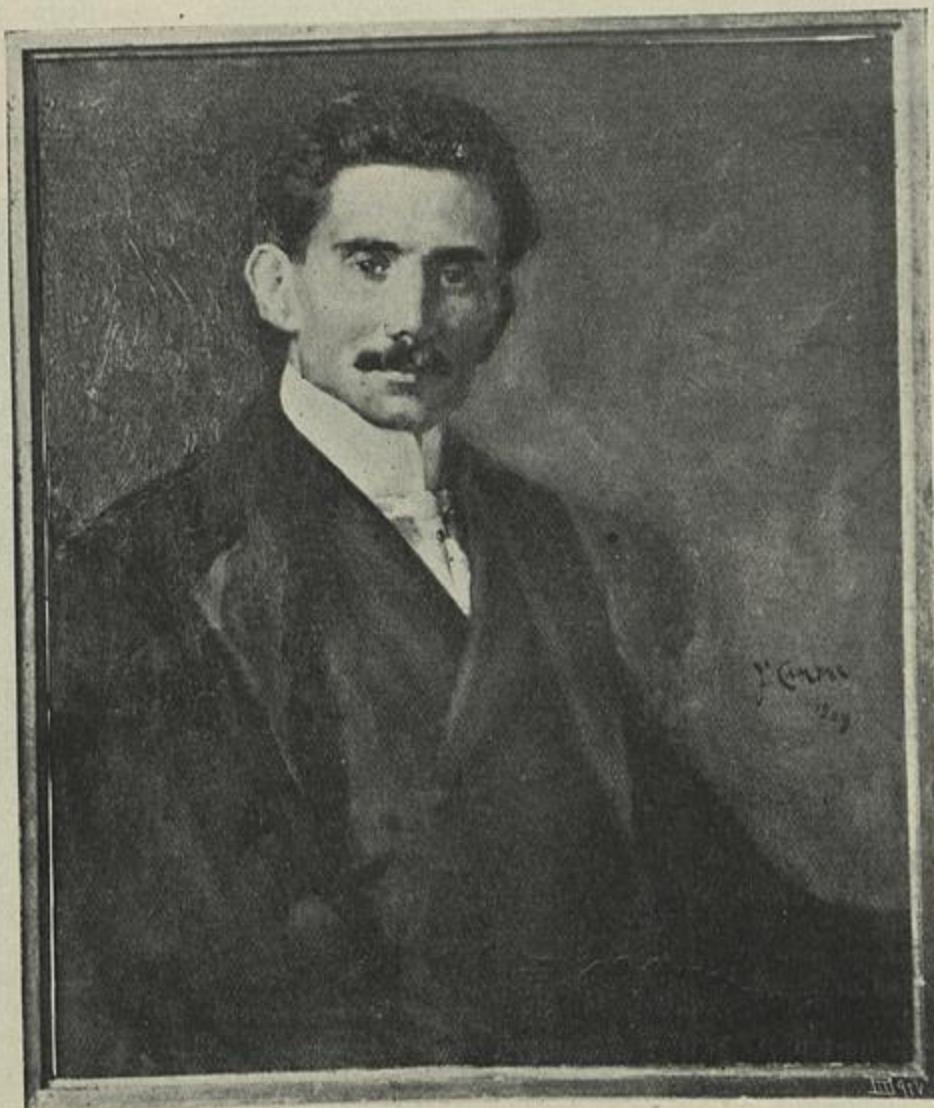
Meus amigos, acreditai-me neste momento augusto em que eu me recolhi religiosamente ao meu santuario de solitude, agora que eu subo a minha Turris-Eburnea, tão alta que chega até ao céu e se alpendura das estrelas, agora que eu sou, cingido de alva, são e puro, infinitamente distante do ambiente sujo e envenenado dos boatequins-literarios em

que me dissolvo e faço a profissão da mentira, e as minhas afirmações são irreverencias e blasfemias os meus desabafos de animo. Por onde passo — eu sei! — deixo sombras de malquerença. As simpatias, se uma vez as atraio em redor de mim, logo as confundo e desbarato num gesto de anjo decaído. Grande é a minha sensibilidade de revoltado. Sinto, por vezes, erguerem-se dentro de mim, na minh'alma, em borborinho, reminiscencias vagas, indefiniveis e incoerciveis, dum mundo em que, porventura, fóra déspota. E sôfro por não saber impôr-me á tribu libertaria. e sôfro por ser

assim. Sou um Christo sem Deus. Ou antes, sou um crente que transplantou para dentro de si, o seu culto e o seu Deus, e nas interioridades remotíssimas do seu sêr, com as raizes da alma, incendeou a sarça divina.

E' então que eu imagino como seria lindo minar a fundo e em roda e demolir em cacos pelo ar, este miserando «manicomio do planeta» — como diz o saudoso e grande Antonio Nobre.

E' então que eu derrubo ídolos e dolorosamente e angustiosamente, porque já derrubara, e dolorosissimamente, e angustiosissimamente, o grande-ídolo que tinha erguido ao meu espirito, na gruta sacra e desconhecida da minh'alma.



O POETA ANTONIO CORREIA DE OLIVEIRA

Retrato pelo pintor José Campas (Veja Cronica Occidental)

A minha religião vae, pois, ascendendo do meu culto intimo, numa escada de nebulose, ao culto das outras forças místicas da Divindade, que estão acima de mim.

E se então descreio, é porque tenho os olhos em sangue, imerso na confusão e escuridão do meu cáos, e envolto na poeira que os mundos revoluteiam e resumem.

Mas — perdoai-me estas confissões que são a minha justificação — por vezes, tambem a minh'alma desencana-se e isola-se de todas as forças terrenas que a cingem, como agora, que encaro, em pleno Espirito, fóra de todas as relatividades de tempo e espaço, a altíssima personalidade literaria e artistica de Antonio Corrêa d'Oliveira. A minha alma-sombra prostra-se e desaparece ante o luminoso

espírito do Poeta. E sinto que me inunda a fronte uma aureola de pureza e descem até ao meu espírito e lhe segredam linguas-de-fogo do Espírito-Altíssimo. E uma gloriosíssima simpatia dimana de mim e se derrama pela Natureza e envolve e se insinua, em fluido, nas Cousas.

Vae publicar-se por estes dias um novo livro de versos de Antonio Corrêa d'Oliveira.

O Poeta não necessita de encómios.

E se critica é a que praticam as gazetas da nossa terra — também dela não necessita o Poeta. Os profanos devem afastar-se do caminho florido por onde vem o sagrado viatico. Os crentes vão á communhão. E os iniciados, os poetas — como eu sou — curvam os joelhos com carinho admirativo, cheios de unção religiosa. Levanta vô a aguia das penhas da sua serra e põe manchas de luz sobre o paiz amado e amante — e tão alta ela vae sobre as nossas cabeças e tão branca e transparecida da sua luz interior que se torna pomba, de mensagem e benção, do espírito santo: — e não sei se desce do ceu á terra, se da terra se ergue ao ceu longinquo.

Intitula-se o livro — *Gênese e Historia da Arvore*.

Tive a honra e a alegria religiosa de conhecer esta verdadeira biblia, ainda absolutamente inédita, minuciosamente, em todas as suas partes.

Não esquadrinhei belezas nem defeitos.

Nestas sagradas taboas, alevantadas sobre o Monte, a luz dissolve as sombras, ou as sombras, em nuvens caprichosas, tecem aureolas em volta da claridade irradiante.

Mórmente, se é um poeta que encara o espírito doutro poeta. Ou se estaca e estagna frio ante a luz do sol, como um mar-morto, ou se alevanta e arremessa, em impeto, irreprimivel, num fluxo tempestuoso, como um mar de exaltação.

Neste ultimo caso, fui eu.

Num quarto recatado de môço e artista, alguém ergueu ante meus olhos enlevados, a enorme concepção do Poeta. O vento amiasmado e a luz purulenta de gaz da cidade-morta, batiam de encontro ás vidraças da janela.

E no entanto, o meu olhar somnambulo guiado pelo olhar imperioso do Poeta, ia visionando, num encantamento de magia e prece comovida, a Natureza que se curvava ante Deus e se alevantava até Ele em Espirito e Melodia. As vozes murmuradas da Natureza vinham até ao coração do Poeta, que se desfiava em canticos, num unisono de harpas longinquoas.

A *Gênese e Historia da Arvore* é o hymno desferido nas cordas-ciclos do Destino.

E' a voz do silencio das Cousas profundissimas que se avoluma e ascende e perde nas vertigens das Alturas.

E' gôta de agua que estagna na tepidês do lago, murmura suavemente no riacho que deriva, e estrondeia nos valghões do Oceano e ribomba em tempestade no Espaço-Vago e vae confundir-se no Cantico das Esferas.

Tudo se resolve e resume no seio de Deus.

Deus — é o *Finis et Principium*. *Finis et Principium* — que o OCCIDENTE já publicou nas suas paginas por cedencia de pessoa bem amada do Poeta — é uma seriação de quatro belissimos sonetos que são como sêlos fechando o livro-sagrado e bem podia servir de inscrição e divisa, não somente á *Gênese e Historia da Arvore* mas a toda a Obra que é bellissima e enormissima, de Antonio Corrêa de Oliveira.

ANTONIO COBEIRA.

O novo ministro da França em Lisboa

Para o lugar de ministro da França em Lisboa, vago pela sahida do sr. Saint-René Taillandier, que aqui desempenhou, por alguns anos, esse alto cargo, foi ultimamente nomeado pelo governo francês o sr. Daeschner, que chegou a esta capital a bordo do vapor *Bretagne* no dia 22 deste mez, vindo acompanhado pelo novo secretario da legação sr. Montille.

O sr. Daeschner é um diplomata com muita experiencia a quem o seu governo tem confiado missões importantes, como em Londres e Madrid, e de que se tem sempre desempenhado de modo superior. Em Paris, tem ocupado, quer no ministerio dos estrangeiros, quer na presidencia do conselho, os importantes cargos de chefe de gabinete com a provada competencia de um verdadeiro diplomata.

A chegada do sr. Daeschner despertou muito interesse da colonia francesa, em Lisboa, indo muitos dos seus membros esperal o no Posto de Desinfeção onde o illustre diplomata desembarcou e onde era também aguardado pelo sr. Santos Tavares em nome do sr. ministro dos estrangeiros.

O sr. Daeschner foi recebido oficialmente, no dia 24, no palacio de Belem por Sua Ex.^a o Presidente da Republica, para a entrega das credenciaes, o que se realisou na presença dos srs. mi-

nistros das Finanças e presidente do Governo, dos Estrangeiros, do Interior e da Marinha com todo o ceremonial do protocolo.

No discurso do sr. Daeschner e na resposta do sr. dr. Arriaga afirmou-se mais uma vez as relações cordeas existentes entre as duas nações, que mais se estreitarão sob a forma do mesmo regimen que as governa.

PELO MUNDO FÓRA

As revistas illustradas do estrangeiro mostram-nos photographias que nos dão uma pallida idéa do que foram os terribes cyclones, que nos fins de março, devastaram cidades e villas nos Estados Unidos, causando innumeras mortes e consideraveis prejuizos materiaes, accrescidos pelas inundações resultantes das chuvas torrencias e consequente trasbordamento dos rios, sobre tudo do *Mississipi* e seus afluentes.

A cidade de *Nebraska* foi das que mais soffreram: centenas de casas derubadas; d'entre ellas um cinematographo, cujos espectadores ficaram sob os escombros. Um transeunte que passava num jardim foi subitamente arrebatado pela borrasca, como se fôra um feixe de palha, indo cahir morto sobre uma arvore completamente esgalhada! *Omaha* e varias cidades do *Illinois* e de *Indiana* tiveram grandes prejuizos com as cheias. Os Estados de *Ohio* e *Pennsylvania*, *Virginia*, *Kentucky*, e nomeadamente as cidades de *Pittsbury*, *Wheeling*, *Columbus* e *Dayton* sentiram dolorosamente os effeitos medonhos dos cyclones e das inundações, a que se juntaram medonhos temporaes de neve.

Tambem na Europa, especialmente em Inglaterra e na Espanha, se senti-



Sr. VISCONDE DE LA TOUR

1.^o Secretario da Legação

Sr. DAESCHNER

Novo ministro de França em Lisboa

Sr. MONTILLE

Secretario do sr. Daeschner

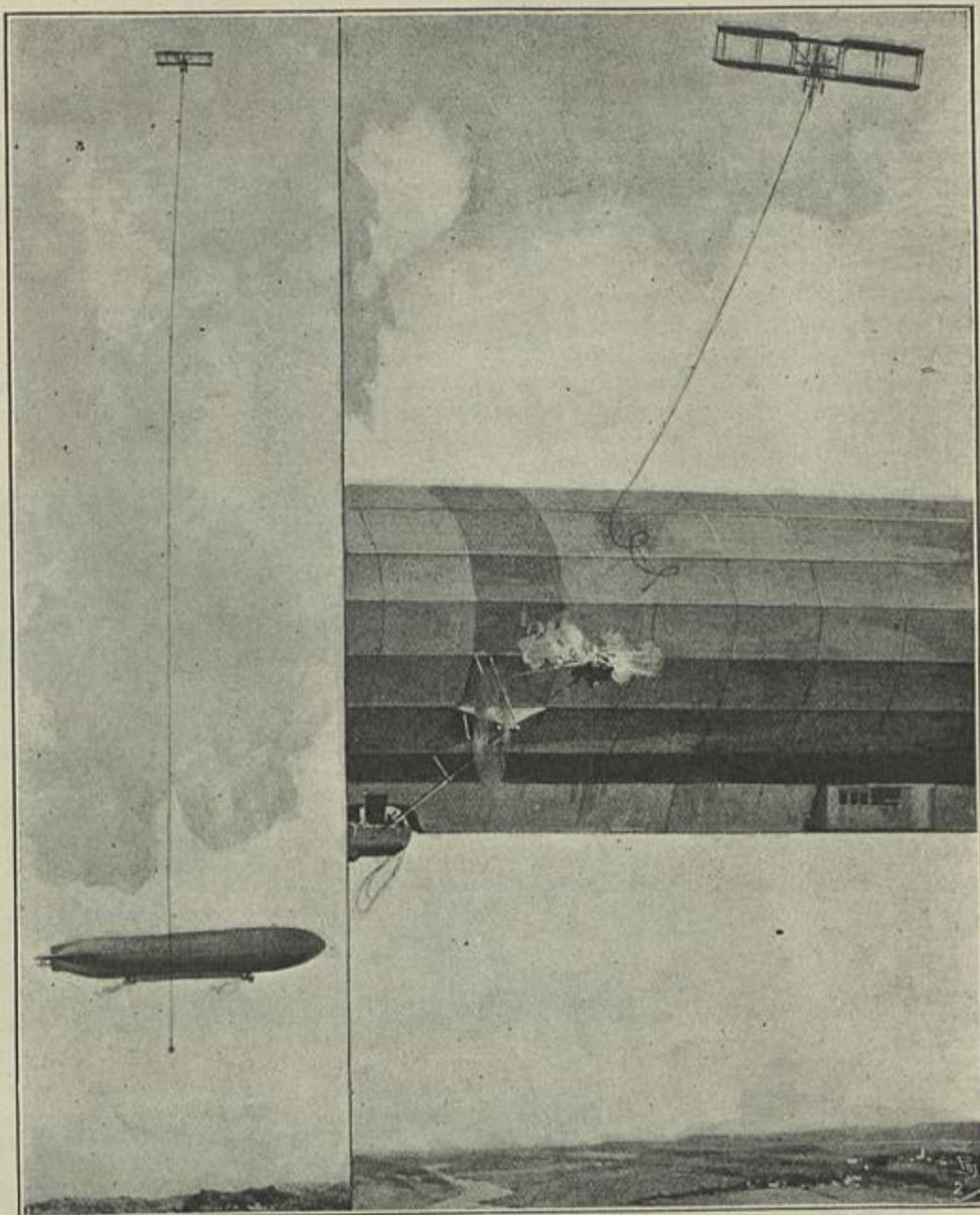
ram grandes perturbações atmosféricas. Peores porém se mostraram as agitações sociais de que foram teatro a Espanha e a Belgica. A nossa vizinha tem andado preocupada com a questão do ensino do cathecismo nas escolas primarias officiaes, questão agitada pelos elementos liberaes e que se filia numa pretendida contradicção entre a lei da instrucção publica de 1857 — a concordata da Santa Sé de 1851, que estabeleceu o ensino religioso obrigatorio para todos os espanhoes, e a constituição de 1876, que estabeleceu o principio da tolerancia religiosa, prescrevendo que ninguém seja incommodado por motivos de suas crenças religiosas. O governo, querendo harmonizar a lei, entregou o assumpto ao conselho de instrucção publica, que após longos debates se manifestou no sentido de que se mantivesse o principio do ensino obrigatorio, excepto para as creanças cujos paes ou tutores não sejam catholicos. Esta resolução desencadeou tremenda lucta entre liberaes e conservadores, reunindo se aquelles num comicio colossal em Madrid, onde estiveram representados 589 centros republicanos, 145 sociedades operarias, 40 grupos evangelicos, 128 jornaes de provincia, 57 delegações da liga anticlerical espanhola.

Na Belgica estão em greve uns 400:000 operarios, facto sem precedentes naquella paiz, e que causa, como era de prever, grandes perturbações no mundo industrial e financeiro, que ainda hoje soffre os efeitos da memoravel greve da hulha em Inglaterra. A greve actual não é contra os patrões; é contra o governo, e consequencia da eleição de junho do anno passado, que foi um triumpho para o partido catholico, ha 29 annos no poder, e que os liberaes e socialistas entendem dever derrubar, reclamando o *suffragio universal*. Na Belgica todo o cidadão tem direito ao voto, mas subsistem as *categorias d'eleitores*, com voto plural para os individuos com estudos universitarios e possuidores de certa fortuna, ou chefes de familia. Esta greve foi resolvida para fevereiro ultimo; mas por motivos varios só agora foi posta em pratica. E' d'esperar um fracasso não só porque se lhe oppõe o governo e a maioria que o apoia, mas porque o movimento não tem a adhesão dos commerciantes nem dos operarios christãos, cujos syndicatos reúnem 100:000 homens.

Parece que este movimento não tem a sancção dos mais auctorizados chefes do socialismo belga: *Vaudervelde*, *Huymans* e até *Bronckere*.

Estão amortecidos os echos da guerra dos Balkans, que afinal parece pre-tes a concluir-se, com manifesto desespero do Montenegro, o mais pequeno dos alliados que teve de renunciar á tomada de *Scutari*, cujo cerco ainda dura, mas sem o auxilio dos servios nem dos bulgaros, que acataram os desejos da Austria, a potencia interessada na constituição da Albania independente.

Entre a Bulgaria e a Turquia estabeleceu-se um armisticio de dez dias cessando os combates em *Tchataldja* e na peninsula de *Gallipoli*. Prevê-se que as



O BIPLANO DO CORONEL INGLÊS S. F. CODY PARA A DESTRUIÇÃO DOS DIRIGIVEIS

negociações entabuladas levarão a paz final, para cujo exito trabalham as grandes potencias, embaraçadas todavia com o problema das ilhas do mar *Egeu* e da indemnisação de guerra que a Bulgaria exige do governo de Constantinopla.

As chancellarias de Paris e de Berlim, preocupadas com a eterna questão dos armamentos, que tem feito correr rios de tinta e inflammado o patriotismo d'aquem e d'além Rheno, viram-se em grandes difficuldades com respeito aos incidentes de *Lunéville* e de *Nancy*, que, se, por um lado, nos mostram o estado de perturbação dos espiritos das duas nações, separadas pela interminavel rivalidade da Alsacia-Lorena, por outro nos dão evidentes provas do principio da paz que domina os governos d'aquelles paizes.

Ao escrevermos este periodo chegamos noticia por telegrama da queda de *Scutari* em poder dos montenegrinos. O cerco durava desde outubro do anno passado, mas *Essada Pachá*, não podendo resistir por mais tempo, mandou as suas tropas abandonar a lucta.

Os telegramas dizem que os montenegrinos entraram já em *Scutari* e que em *Cettinhe* ha grande entusiasmo.

O novo assalto foi de noite e planeado pelos generaes *Bojovite*, servio, e *Martinovitch*, montenegrino.

A acta da rendição de *Scutari* foi as signada ás 6 horas da tarde, começando logo a evacuação da cidade que terminara ao meio dia de 25.

O rei *Nicolau* dirigiu uma allocução ao povo, que se juntou em frente do palacio. Os representantes dos governos alliados foram abraçados pelo soberano.

Entretanto a Austria faz sentir a necessidade de fazer respeitar pelo Montenegro as decisões das potencias e que se ellas não procederem de prompto, ella fará evacuar de *Scutari* os montenegrinos. E' de supôr, porém que o Montenegro entregue *Scutari* á Albania conforme a vontade da Austria, reservando para si uma porção de territorio que lhe facilite comunicação para o mar.

Um dirigivel *Zeppelin*, em experiencias com o fim de ser adquirido pelo exercito allemão, sahiu da estação de *Friedrichshafen*, perto do lago *Constance*, com destino a *Oos*, no Grão Ducado de *Baden*, mas o nevoeiro e a grande altitude das montanhas de *Falberg* na Floresta Negra, fizeram-no seguir para oeste impellido por um vento forte, avançando 130 milhas pelo territorio francês. Os tres officiaes, um sargento, um piloto e sete machinistas que tripulavam o co-

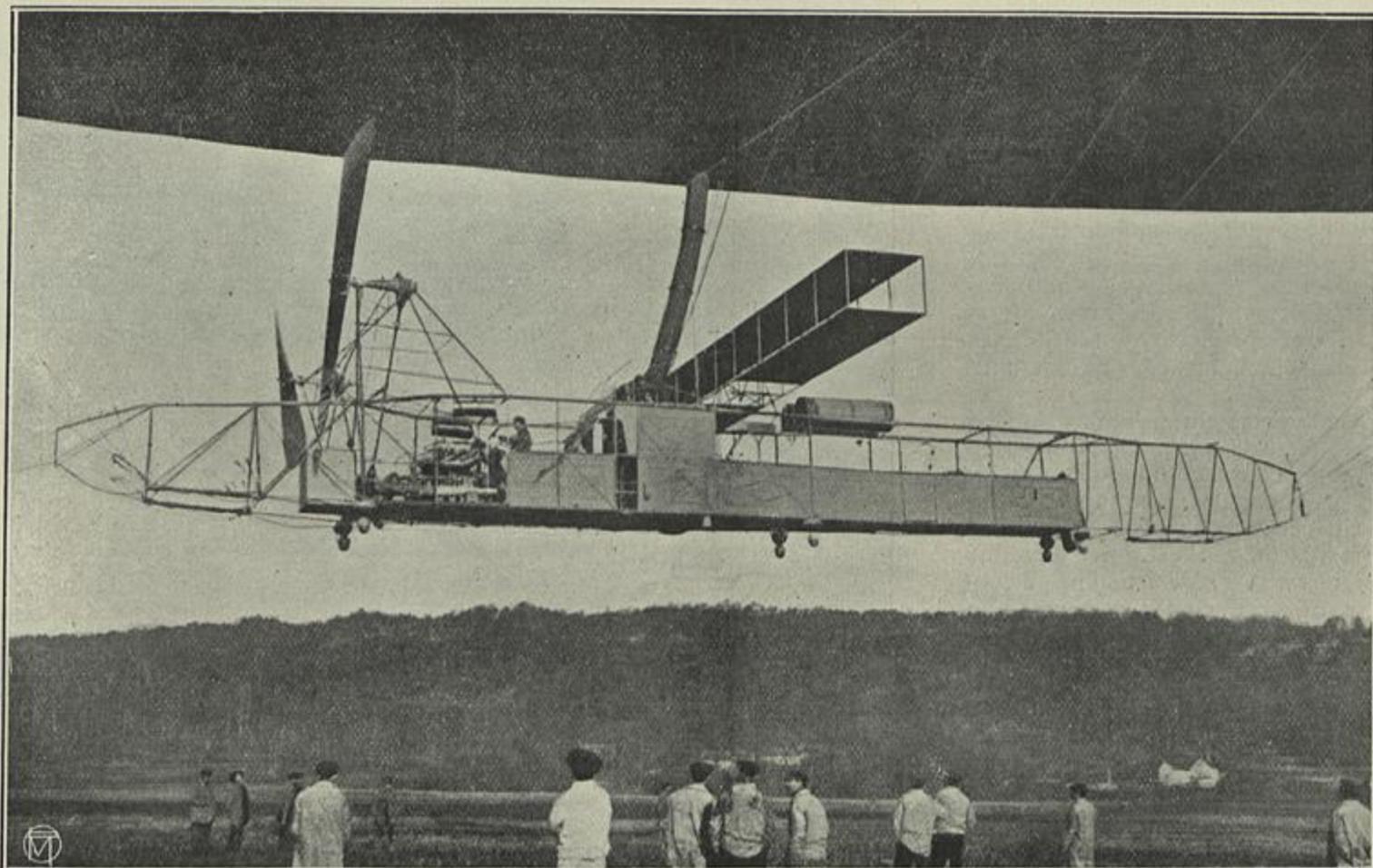
losso *Zeppelin*, viram-se de repente sobre *Lunerville*, não sabendo o que fazer. Ou destruir o dirigível ou descer, a fim de mostrarem que não os animava nenhuma idéa de espionagem. A grande aeronave poisa no solo ao mesmo tempo que os militares em manobras affluem ansiosos, por esquadriharem todos os segredos d'aquella potente machina de guerra de 148 metros de comprimento, 14 metros de diametro, com a capacidade de 21:000 metros cubicos e movida por tres motores com a força de 180 cavallos cada um. Officiaes e peritos aeronautas representantes dos constructores *Lenbandy* e

rante 24 horas mereceu as mais *desveladas attentões* da França, e por cuja gentileza a Allemanha se mostrou reconhecida. O *Zeppelin* retomou o vôo na direcção de Metz. E agora é ouvir os engenheiros francêzes que dizem poder rivalizar com os allemães na construcção dos dirigiveis, para o que só lhes faltam os credits necessarios.

O genio humano é fertil em inventos que se contrapõem nos seus resultados, tendendo para um certo equilibrio. E' assim que contra os dirigiveis e correlativos apetrechos de guerra se destina o invento do coronel inglès *S. F. Cody*,

certo e cervejaria. Os remoques tornaram-se cada vez mais pesados, como era de prevêr. Os allemães dirigem-se para a gare a caminho de Metz, mas a exaltação aggrava-se, sem que comtudo se dessem conflicts lamentaveis. Um jornal, *Lothringer Zeitung*, deturpou e exaggerou o ligeiro incidente, d'onde resultou troca de notas entre as chancelarias. A França deu todas as desculpas, transferindo o prefeito e demittindo dois policiaes.

Que não ha hostilidade entre os dois governos, di-lo o aviador *Daucourt*, o valente detentor da taça *Pommery*, que



O DIRIGIVEL DO CONSTRUTOR FRANCÊS CLEMENT-BAYARD

Clement Bayard apressaram-se a examinar detalhadamente o *Zeppelin*, esse invento que é hoje a mysteriosa força da Allemanha, a cuja imprensa é defeso publicar o mais insignificante detalhe sobre esse elemento de guerra, agora ali patente aos olhos cubiçosos e radiantes do adversario!

Os resultados d'aquelle desastre verificam se pelo exame das illustrações francesas e inglesas, onde minuciosamente se descrevem as particularidades da construcção do *Zeppelin*, cuja discripção nos levaria longe e que é um prodigio do machinismo. O que mais espanto causou foi a disposição destinada ao canhão de tiro rapido, tanto nas barquinhas por baixo do casco do dirigivel, como na plataforma, situada na ponte superior.

Em todo o comprimento do dirigivel ha um corredor de aluminio, com uma camara para o commandante, uma cabine de telegraphia sem fios, camara photographica, retratos do ultimo modelo, etc., isto não falando da immensidade de instrumentos scientificos que mobilavam aquelle enorme cruzador aereo, que du-

aviador conhecido pelos arrojados feitos com o seu biplano *Cathedral*.

O seu invento — *bomba d'anzol* — pôde chamar-se na verdade *a pesca do inimigo* e consiste em fazer subir o seu aeroplano 1:000 ou 2:000 pés acima do dirigivel do adversario, lançando então um fio em cuja extremidade está uma fateixa e uma bomba de sua invenção. Os ganchos da fateixa prendem-se ao envolucro do balão. O fio é de corda de piano e enrola-se rapidamente por um machinismo especial. Feita a preza, dá-se um puxão ao arame que deixa a bomba agarrada ao dirigivel. Ao mesmo tempo dá-se a explosão, rebentando chammas em varias direcções e incendiando-se o aparelho.

O constructor francês *Clément-Bayard*, imaginou um typo de dirigivel rigido que é inquestionavelmente dos mais perfectos. Tem dois motores de 150 cavallos cada um.

Tendo alludido ao incidente de *Nancy*, diremos que este foi originado entre estudantes allemães e francêzes, a que não era extranho o bello sexo, em café con-

realizou o vôo *Paris Berlim*, ou sejam 950 kilometros, sendo optimamente recebido no aerodromo de *Johannisthal* por officiaes allemães.

Que dizer de cinco desgraçados officiaes victimas da explosão do balão espherico *Zodiaco*, a 600 metros d'altura, ao passar em *Noisy le-Grand*!

E do tenente da armada grega *Argyropulos*, cahido em *Salonica* da altura de 400 metros, no seu monoplano *Blériot*, em companhia d'um heroe de campanha contra os turcos — o cretense *Manos*, que se distinguira em *Janina*. O aeroplano havia sido tomado aos turcos.

Fechamos esta digressão com a noticia que o telegrapho nos traz do proximo casamento do *Senhor D. Manoel de Bragança* com a princesa *Agostinha Victoria de Hoenzollern Sigmaringen*, filha unica do principe *Guilherme de Hoenzollern*. Este principe, a quem competia a corôa da Rumania, renunciou-a, a favor de seu irmão *Carlos*, o rei actual,

que é parente muito proximo da rainha D. Estephania, mulher de D. Pedro V.

A avó da princesa é a infanta D. Antonia de Portugal, que casou, em 1861, com o principe Leopoldo de Hohenzolern.

A princesa Agostinha conta 23 annos, tem dois irmãos: os principes Frederico e Francisco, que são gêmeos e nasceram em 1891.

24—IV—913.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Um duélo sensacional

Um dos casos de maior sensação e que mais interessou Lisboa, foi o duélo á espada entre os srs. dr. Antonio Osorio e Carlos Gonçalves, professor de esgrima.

A competencia dos contendores e a seriedade do duélo, deu maior importancia a este acontecimento, como de facto teve, pois os dois esgrimistas sustentaram, quasi uma hora, um combate brilhante, que cerca de duzentas pessoas presenciaram, verdadeiramente interessadas no resultado da contenda.

O duélo foi provocado por uma carta publicada num jornal da manhã pelo professor de esgrima sr. Carlos Gonçalves, dirigida ao distinto advogado sr. dr. Antonio Osorio, que é, tambem, um notavel amator de jogo d'armas.

O encontro realisou-se ás 14 horas do dia 16, na estrada militar da Ameixoeira. Fôram testemunhas por parte do sr. dr. Antonio Osorio, os srs. drs. Antonio Centeno, Egas Moniz e Silva Ramos (medico); e por parte do sr. Carlos Gonçalves os srs. tenente Veiga Ventura (juiz do campo), José Eduardo Loureiro e Torres Pereira (medico).

Amigos dos duelistas e muitas outras pessoas que souberam da hora em que se realisava o encontro, concorreram a presenciar o interessante combate, que não podia ser mais digno do que foi entre os dois contendores.

O duélo foi á espada e, durante quasi uma hora, realisaram-se varios assaltos, sob os mais rigorosos preceitos da arte, com muita presteza e chegando os contendores quasi a tocarem-se mas defendendo-se sempre com arte.

O jogo do sr. dr. Osorio é de defeza e de combate muito sereno. O do sr. Gonçalves, é mais floreado e arremetido. Assim se succederam os assaltos até ao decimo, em que os contendores cresceram no combate com maior energia, fazendo o sr. dr. Osorio, por vezes, recuar o seu adversario, que logo volta mais violento, manifestando-se de parte a parte a vontade de terminar o combate. Neste crescendo o sr. Gonçalves joga uma estocada mais de alto, em que fere o sr. dr. Osorio no ante-braço direito.

Nesta altura entreveem as testemunhas e o me-



O DECIMO E ULTIMO ASSALTO

dico, verificando que o ferimento punha o sr. dr. Osorio em situação inferior para continuar o duélo, este se deu por concluido muito honrosamente para os dois contendores, que fôram muito comprimentados pelos seus amigos e outras pessoas que assistiram a este duélo, acaso, o mais notavel que se tem dado nos ultimos tempos.



Scena intima

(Reflexo)

Emquanto agora estamos ainda todos,
E tenho de partir logo ao sol posto,
Já penso em vos trazer, no meu regresso
Cousa que mais agrade a vosso gosto.

Papá, traz me um cavallo, exclama Jorge,
Brilhando viva luz no seu olhar:
Traz-me um cavallo fino; e verás como
Te vou por esse mundo acompanhar.

Eu quero uma rozeira, diz a Olinda,
E dá-m'a desde já, que ainda hoje a planto,
Hei-de cercal-a das saudades nossas,
Na tua ausencia a regarei com pranto.

Cae tudo n'um silencio. Triste a esposa,
Tomando o seu lugar entre os filhinhos,
Suspira-lhe entre lagrimas e beijos
— Volta depressa, e traz-me os teus carinhos.

NEMO.



O PRIMEIRO ASSALTO

CONCERTOS

Madame Mantelli

Esta distincta artista lyrica que tantas vezes pisou o palco do nosso theatro de S. Carlos, e que veio fixar residencia na nossa capital como professora de canto, é um nome que não necessita reclamos, pois a sua brilhante carreira pelos maiores theatros do mundo, é garantia mais que suficiente para podermos avaliar quanto a sua escola de canto foi um beneficio artistico para o nosso meio musical.

Madame Mantelli é uma das professoras que maior numero de discipulos apresenta. Tanto nos varios concertos como nas audições em sua casa, que sempre são revestidas d'um alto grau de elegancia, temos admirado sempre um grande numero de discipulos, ostentando bellas vozes e revelando a sua optima escala do bello canto italiano.

Foi devido a Madame Eugenia Mantelli que tivemos no salão da *Illustração Portuguesa*, essa memoravel festa consagrada ao primeiro centenario do nascimento de Verdi, realisado o mez passado com tão raro brillantismo.

A sua festa artistica realisada agora no theatro da Trindade foi deveras magnifica. Assim ouvimos trechos bellamente cantados pelas suas melhores discipulas como fôram: D. Oriza da Silveira, D. Manuela Navarro de Sampaio, D. Luiza Castelbranco, D. Magdalena Metello Antunes, D. Margarida Carneiro, D. Helena Antunes dos Santos, D. Maria Amelia Cid, D. Ophelia Freire, D. Erna Stock, sr. Raul de Lacerda, D. Bertha Guimarães, D. Adelaide de Victoria Pereira, D. Helena Pery de Lynde e D. Hortense Fontana. Tambem se ouviram córos, organizados com discipulas suas.

O clou da noite fôram algumas scenas da *Cavallaria Rusticana*, com acompanhamento de orchestra.

Esta parte do concerto foi surpreendente pelo modo como os distinctos amadores se desempenharam.

A sr.^a D. Maria do Couto, muito especialmente, no papel de *Santuza* revelou, não só dotes de cantora de uma excelente voz, mas ainda de actriz consumada pelo grande efeito dramatico que deu ao seu papel.

As sr.^{as} D. Bertha Guimarães e D. Mannela Navarro de Sampaio, respectivamente nos papeis de *Lola* e *Mamã Lucia*, foram muito distinctas cantadas com bastante correção e sentimento.

A parte de *Turiddu* foi excelentemente desempenhada pelo sr. Raul de Lacerda, que mais uma vez afirmou as bellas qualidades da sua voz, como interpretação intelligente do seu papel.

A orchestra foi bem regida pelo maestro Wenceslau Pinto.

A assistencia, em que se encontravam muitos dos antigos frequentadores de S. Carlos, e amadores de boa musica, não regateou aplausos aos intrepertes da bela opera de *Mascagni*, que em verdade se desempenharam de forme assaz distinta.

Madame Mantelli cantou a aria *Aprile Foriero*

Teatro da Trindade—O Concerto de M.^{me} MantelliM.^{lle} BERTHA GUIMARÃES

Que cantou a ária «Salice» do «Oteló»

M.^{me} MARIA COUTO

Que cantou a parte de «Santuza» da «Cavalaria Rusticana» e um «Soli» do «Agnes Dei» da Missa de Requiem de Verdi

M.^{lle} MARIA HELENA PERY DE LYNDE

Que cantou a ária «Romeu e Julieta»

Sansão e Dalila com aquelle segredo das grandes cantoras, ostentando toda a beleza da sua voz. Cantou também uns *Fados* do sr. Julio Neuparth,

a que deu um relevo extraordinario de graça e de sentimento, fazendo se aplaudir por todos os espectadores.

Foi uma bela noite de musica que deixou gratas recordações a quantos assistiam a este concerto.

DISCIPULAS DE M.^{me} MANTELLI QUE TOMARAM PARTE NO CONCERTO E «CAVALARIA RUSTICANA»

1.^o plano, da esquerda para a direita: M.^{me} Couto, M.^{llos} Fontana, Steck, M.^{mes} Pereira, Mantelli, Lisboa de Lima, M.^{llos} Barreto, Machado Silva, Oriza da Silveira.—2.^o plano: M.^{lles} Fonseca, Peri de Lynde, Guimarães, Sampaio, Metello Antunes, Andréa Ferreira, Neto Afonso, Ferrão, Aboim Idanha, Almeida, Cid, Araujo Rezende, Brandão.—3.^o plano: M.^{lles} Leitão, Lima Cunha, Medeiros, Pereira, Pires Marinho, Castelo-Branco, Rebelo, Eissen, Carreiro, Bordalo Pinheiro, Ribeiro da Costa, Ribeiro de Sousa.—4.^o plano: M.^{lles} Pacheco Soares, Santos Guimarães, Serpa Castel-Branco, Cicilia Rivara, Alice Rivara e Feio; ainda neste plano vêem-se os srs. Alfredo Pinto (Sacavem) e Raul de Lacerda.

NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA — 2.^a conferencia sobre Macau pelo 2.^o tenente sr. Jayme do Inso

O Presente e o Futuro de Macau

(Concluido do numero antecedente)

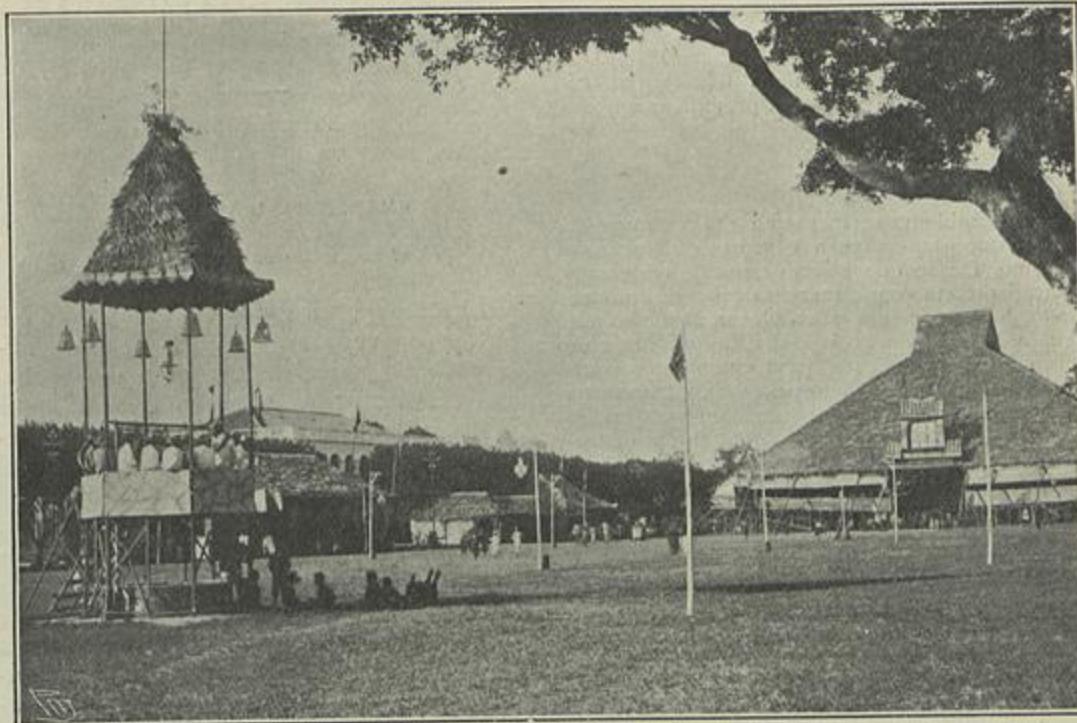
Patriotas fôram-no sempre, e tão bem o souberam ser, que Macau, a unica cidade portugueza onde nunca tremulou a bandeira castelhana durante o captivo, ainda guarda o nobre titulo: *Não ha outra mais Leal!*

Pois é esta, a mais leal, que uns patriotas desnaturados queriam pôr em praça para vender em leilão!

São aquelles trabalhadores obscuros que tão longe de nós vivem e morrem pensando na nossa terra, fallando a nossa lingua, e lembrando áquelle mundo que nós ainda existimos, são a esses portuguezes que os mesmos patriotas desnaturados querem fazer trocar a nacionalidade, como a uma leva de escravos que mudasse de dono!

Vender Macau, um bocadinho da nossa terra que é como se fôsse um bocadinho da nossa alma!

Vender uma colonia que as despesas que nos acarreta é socorrer outras colonias com o seu dinheiro quando precisam: só Timor recebeu durante annos uma subvenção annual de 32 contos!



UMA FESTA NO CAMPO DE TAP-SEAC (AO FUNDO UM AUTO-CHINA-TEATRO)

A nossa colonia de Macau compõe-se da cidade do mesmo nome e suas dependencias.

O que são essas dependencias? Não estão determinadas. Este nome é uma forma vaga de de-

pouquissimos são os portuguezes de Portugal que alli residem ou tem interesses.

Segundo o recenseamento de 1910, o total da Provincia tem cerca de 75:000 habitantes dos quaes só ao concelho de Macau pertencem 66:500, sendo chinezes 63:000, estrangeiros 200 e portuguezes 3:500 aproximadamente. Destes ultimos, 2:500 são macaistas; resta-nos pois uns 1:000 portuguezes da metropole, mas se descontarmos deste numero as forças da guarnição de terra e mar quasi exclusivamente compostas de europeus, resta-nos uma minoria de poucos centos de portuguezes que, na quasi totalidade, desempenham cargos do governo. E bastam estas simples considerações, se outras não houvesse ainda para mostrar quão cuidadosas devem ser a politica, a administração e as leis por que tal colonia deve ser regida.

Infelizmente parece que os nossos legisladores não o comprehenderam assim, e dahi a série de embaraços que os chinezes encontram nos nossos processos administrativos, o que dá logar á fuga de elementos que podiam contribuir para a riqueza da Provincia.

Se examinarmos as situações economicas da colonia, veremos que nella se reflecte profundamente a instabilidade das condições politicas e sociaes em que vive Macau. O comercio total que em 1908 se elevava a 20:000 contos annuaes, baixou a 13:000 em 1910.

As industrias estão muito decadentes se exceptuarmos a do peixe salgado. As causas de abatimento da colonia são complexas, e uma dellas é sem duvida o desinteresse com que sempre tem sido tratada pelos governos.

Estas causas tendem a agravar-se cada vez mais, por isso, o futuro de Macau se apresenta mais sombrio do que desafogado. Entretanto não devemos desanimar e muito menos abandonar o futuro du-

ma colonia que ainda dispõe de importantes recursos e meios de vida.

No ponto de vista comercial, Macau é apenas um interposto, e o seu porto, é um porto de rio, fóra das escalas da grande navegação, mas importante ainda por ser um centro de distribuição e transito para uma extensa região do vale do Se-Kiang.

Os melhoramentos do porto de Macau, ameaçado de se fechar pelo assoreamento continuo, impõem-se, assim como uma carreira directa com Portugal.

Mas isto só não basta. Já em tempos se conseguiu que uma empreza fizesse duas viagens e só appareceram 20 toneladas de carga!

Entretanto, em tudo que se vende em Macau, não me recordo que se encontre outro artigo de Portugal senão o vinho (que nós lá bebemos), o azeite e algumas conservas. Até o vinho do Porto que vi á venda em Hong-Kong era hespanhol!

Depois da revolução chinesa havia tal febre entre os chinas em se vestirem á europeia que em Macau esgotaram-se todos os chapéus e fatos para homem.

Se entre nós se soubesse e se cuidasse destas coisas, não poderia a nossa industria da chapellaria arranjar um novo mercado naquella colonia, visto que os chapéus que lá se vendem são de proveniencia estrangeira?

E quem diz chapéus, diz camisas, calçado, etc.,



UMA LORCHA DE SEAKI NO PORTO INTERIOR DE MACAU

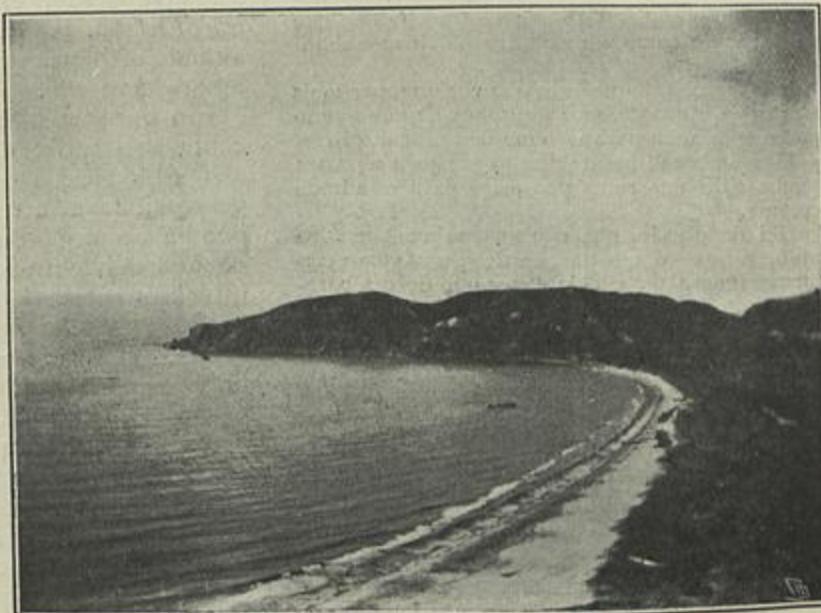
finir uns limites que nunca foram fixados, e praticamente, a colonia não passa duma cidade apenas, cobrindo quasi toda a península de Macau, que mede uns 5 kilometros de comprimento, isto é, menos do que do Terreiro do Paço a Belem.

A nossa soberania acaba onde terminam as ruas e os jardins. O governador alli, é como se estivesse preso numa cidade com homenagem, como espirituosamente ouvi dizer a um delles.

Hoje, Macau reduz-se á cidade do mesmo nome e a umas ilhas insignificantes, não se tendo até agora chegado a um accordo sobre as dependencias em litigio que são mais importantes do que as occupadas.

Macau não pôde viver sem todas as suas dependencias porque não tem nem para comer, nem para beber, nem para queimar; só tem o ar que respira!

Apezar de Macau ser uma cidade civilizada, superior a muitas das nossas cidades europeias,



UMA PRAIA NA ILHA DE COLOVANE

ROMANCE

Victor Debay

Amiga Suprema

(Versão livre auctorizada pelo auctor,
por Alfredo Pinto (Sacavem))

Primeira parte

I

«MADRINHA D'ARTISTAS»

(Continuado do numero antecedente)

notando que Macau é um porto livre sem peias alfandegarias.

E os artigos do commercio de exportação da China, como chá, xarões, porcelanas, etc., etc., não poderiam vir em maior numero para Portugal, como antigamente, desde que as nossas pautas deixassem de ser exageradissimas como são, para proteger a importação de Macau?

Porventura aquelles artigos fabricam-se cá, para que tal protecção possa prejudicar a nossa industria?

Outro problema se apresenta ainda e que é de capital importancia para o futuro de Macau: o Turismo. Desde que Macau estivesse em comunicação directa com o mundo deviamos aproveitar os dotes especiaes que a Natureza lhe concedeu, a amenidade do clima, a tranquillidade de velho burgo portuguez, para chamarmos o estrangeiro: o que exaustado pela vida intensissima do Oriente precisa do repouso dum sanatorio, e o que viaja por prazer, facilitando-lhe as distrações e as commodidades da vida moderna.

Macau podia tornar-se numa cidade de prazer, um ponto, por essim dizer, obrigatorio para quem viaja pelo Oriente.

Para levar a effeito a obra complexa que é precisa para o resurgimento de Macau, não basta uma vontade, uma lei, uma carreira de navegação ou os melhoramentos do porto. São precisos todos estes auxilios e mais alguma coisa.

E' necessario que no estudo destas questões participe quem tome verdadeiro interesse pela terra, quem a conheça, quem lá viva. E' preciso interessar nella os proprios chinezes nossos amigos, que são a vida e o commercio de Macau. Em Portugal tem-se uma ideia muito falsa do que sejam os chinezes, um povo sympathico, trabalhador infatigavel e cuja convivencia nos faz perder muitos preconceitos com que estavamos habituados a considera-lo.

E' pois necessario crear uma entidade regional, camara de commercio ou outra cujo nome pouco importa, mas completamente livre das peias politicas e burocraticas da metropole, tendo por fim realizar um plano deliberado e assente de accordo com o governo central.

E a iniciativa particular precisa auxilio e de bons caixeiros viajantes.

Pensará alguém em metter hombros a uma tal empreza?

Não sei. Mas póde a Mãe-Patria continuar a importar-se pouco ou nada, como tem feito até aqui, com aquelle torrãozinho abençoado dos nossos dominios; podem mesmo succeder-se gerações que ignorem a existencia daquella preciosa reliquia, não só da nossa historia, como da historia do Oriente; podem os politicos esquece-la gastando o melhor da sua actividade em luctas estereis de palavrório e de vaidades, que Macau, sempre sorridente, calma e florida como um jardim em permacente primavera, não se queixa.

Não póde a sua debil voz ser ouvida e muito menos escutada neste país de cataventos onde a palavra é tudo e o resto quasi nada.

Macau não póde queixar-se mas nem por isso diminue o seu enorme quinhão de gloria na historia luzitana.

Macau não precisará que extranhos lhe augmentem o esplendor das suas tradições de que só hoje vive como um velho heroe altivo e abandonado a contemplar as cicatrizes.

Não precisará que a minha voz que, por mais alta que se levante, será improfiqua, tome a peito defende-la, nem para isso me deu procuração.

Mas embora! hei de dizer-lo por toda a parte: temos sido uns ruins padraos para esta linda colonia.

Hei de dizer-lo, que ella merece mais, merece tudo, porque é um padrão de gloria como não tornaremos a ter igual; e por isso deve ser, repito, de todas a mais querida para o coração dos portuguezes!

JAYME DO INSO

2.º tenente.

A conferencia foi acompanhada de muitas e interessantes projecções luminosas, mostrando tambem o conferente, que no fim da sua bella exposição foi muito cumprimentado, algumas recordações curiosas da China, como uma espada feita de *sapecas*, da festa do *Pecego*, uma das mais populares em Macau.

Talvez o seu temperamento fôsse um pouco frio, para poder traduzir todo o colorido da obra, mas até d'esta vez a artista pode encontrar calor para poder electrizar os dedos do pianista. Este acompanhando-a, olhando para ella por cima da estante, ia assim animando-a com o olhar. Ficou surprehendido quando viu que a cantora, ia acompanhando a musica com gestos, quando ella estava habituada á immobildade, como cantora de concerto! Sem desejar fazer-lhe cumprimentos, para não suspender a execução musical, continuou a revelar áquelle resumido auditorio, toda a obra de Fombreuse. *As lamentações da rapariga ao Oceano!* Solitaria, vinha para a borda do mar, até á noite, sem nunca avistar um navio! Ella interrogava as ondas, mas o mar estava sempre surdo ás suas supplicas, insensivel ás lagrimas, apenas lhe dava como resposta a cadencia monotona das suas vagas.

Filha de marinheiro, Anna Le Cozan, poz na sua voz todas as angustias de que são capazes as mulheres da sua raça.

A sua emoção foi simples e profunda.

Emfim, na tonalidade primitiva, evocando a decoração calma do horizonte do mar, o preludio balançava o seu rythmo de vaga lenta. Na praia, jazia um corpo de marinheiro, como symbolo da humanidade; ao redor d'elle, sob nuvens ligeiras, voltijavam azas brancas de goelanos. A brisa vinda de longe fazia ondular as cristas de espuma branca das ondas. O ceu permanecia sorridente, o Oceano murmurava o eterno estribilho, e acima de tudo a natureza pairava indifferente sobre as miserias humanas.

A voz da cantora, em um suspiro, desappareceu sobre um harpêjo que ficou suspenso no silencio...

Houve um bello momento de silencio, em que as harmonias se espalharam por todo aquelle ambiente ficando suspensas como sons de sinos ao longe.

Fombreuse levantou-se, agarrou nas mãos de Anna e de Lescourias e apertando-as muito disse:

— Muito e muito obrigado, não calculam que momentos de prazer esthetico me causaram! Que dois artistas de raça! Sr.^a Cozan, o seu talento deu vida ao meu sonho artistico.

Ella teve uns minutos felizes, onde o coração pareceu fundir-se em eterna alegria.

— Um e outro fizeram-me descobrir umas certas tonalidades de sentimento que vou anota-las na partitura; como receio de as esquecer, se me dão licença... aproveito a occasião para as marcar já.

Lescourias tocava o preludio, um balançar da vaga sobre a praia, era o inicio d'uma serie de trechos que se chamava *Atravez do Oceano*. Lescourias ia pouco a pouco fazendo apparecer a decoração maritima, quadros que Fombreuse realisaria pela melodia.

— *A calmaria*, disse Anna Le Cozan, enquanto Lescourias desenrolava lentos harpejos, acompanhando o canto da phrase do preludio. Como uma voz de timbre puro, ella começou uma melopeia de accents largos e monotonos que fallavam d'um mar de sonho, sem a menor brisa, apenas espelho do ceu. Depois seguia-se *O Porto*. Os barcos e os navios ancorados balouçavam como se estivessem impacientes para partirem para novos paizes, horisontes fugitivos, terras ao longe, flôres, fructas saborosas, cidades, campanarios, ceus de eterna claridade. Por entre o ardôr chimerico, vemos a incerteza da viagem, terras de mysterio d'onde ás vezes não se volta mais. A phrase do preludio torna-se voluptuosa, como canticos de sereias.

Vemos as despedidas dos seres amados, aquelle que parte e aquelle que fica no porto. São momentos de dôr, corações que se rasgam, supremas palavras como o *adeus* de Schubert. Sobre quatro notas sómente, lagrimas de silencio, uma saudade continua, todas as torturas das almas que os labios não pôdem dizer.

O preludio, ralentando em *largo*, dava a impressão do alto mar entre o ceu e a onda. A cantora psalmodiava as coisas do infinito. Mas, em um *crescendo* que Lescourias tinha preparado com uma arte magistral, a phrase era lançada, o rythmo inflamava-se e a tempestade arrebatava.

— Bravo, Lescourias! disse Fombreuse, arrebatado, esquecendo-se até que era obra sua. Todo o ser que comprehende altamente o pensamento do auctor, collabora com elle.

Em phrases sinistras, Anna Le Cozan cantava o furôr do Oceano, apertando nos seus braços de espuma o navio. O vento sibilava, a tempestade no ceu respondia ao sussurro das vagas. Os marinheiros debatiam-se entre estas duas formidaveis cóleras!

Um acorde grandioso d'horror, interrompeu esta rapida visão. O drama não tinha fim, o auditorio estava como suspenso perante tanta grandeza!

Anna Le Cozan tinha-se elevado aos mais altos cumes tragicos. Com a sua voz bem empostada, variava, a seu bel prazer, todo o colorido da melodia. Seguia com um alto criterio toda a musica sem nunca se affastar da *ideia* do auctor. O timbre da sua voz traduzia todas as delicadezas do sentimento musical.

N'esta obra *Atravez do Oceano*, sentia-se a influencia dos mestres dos quaes Fombreuse ainda não tinha perdido os principios escolares. Um longo estudo do drama wagneriano e das obras do seu professor venerado Cesar Franck, tinha-o influenciado no emprego frequente dos *leitmotivos* e das formulas canonicas, hábilmente disfarçadas sob harmonias, em que se conhecia o innovador. Precedendo d'estes grandes modelos com uma nova convicção, continuou-os dignamente. Havia trechos que possuíam um brilhante

Festa do Segundo Aniversario do Cinema "Olympia"



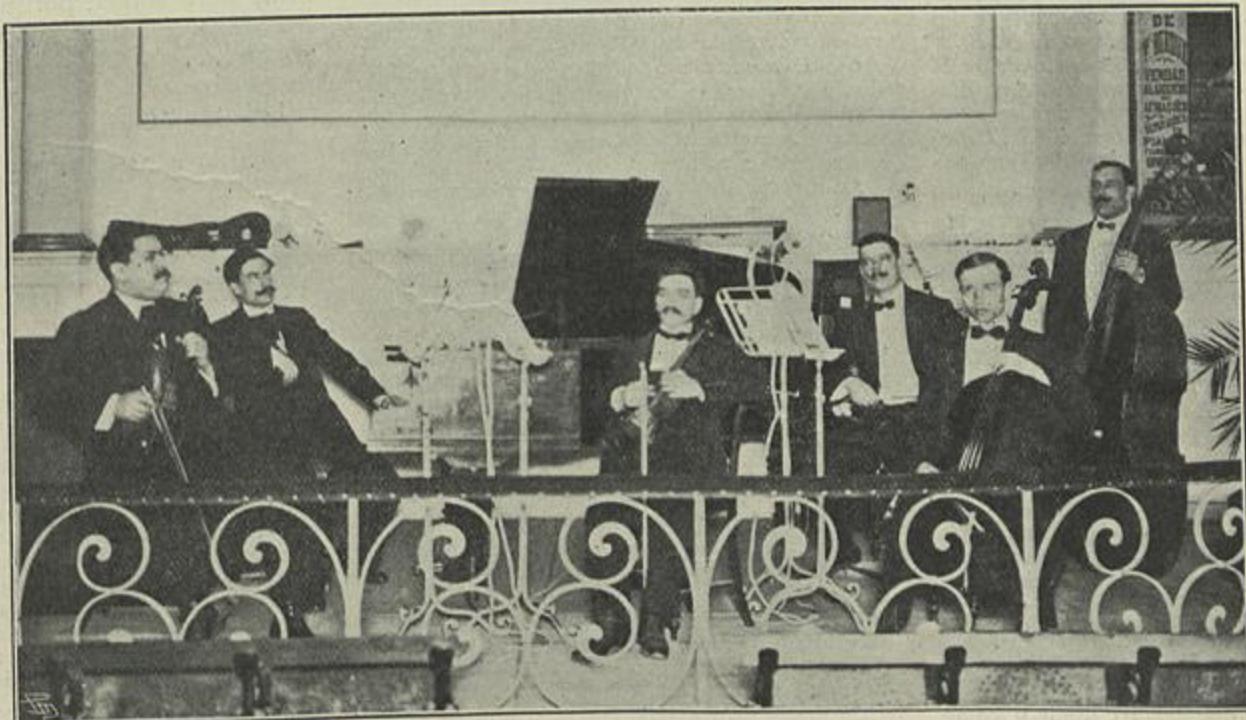
No CINEMA «OLYMPIA». — A ASSISTENCIA A «MATINÉE DE GALA» DO DIA 22, DEDICADA À COLONIA BRASILEIRA

O Cinema «Olympia» um dos mais elegantes de Lisboa, esteve em festa no dia 22 deste mez, celebrando o segundo aniversario da sua fundação. A Empresa superiormente dirigida, com muito gosto e arte, pelo sr. Leopoldo O' Dounell, organisou uma esplendida «matinée» dedicada à colonia brasileira, para que convidou o sr. Ministro do Brasil, dr. Eduardo Lisboa, secretarios da Legação, srs. drs. Veloso Rebelo e Belfort Ramos, consul sr. Macedo e pessoal do consulado.

Foi uma «matinée» das mais elegantes que ali se tem realisado, não só pela seleta assistencia, mas tambem pela apresentação de surprehenderentes fitas que se estreiraram e excelente concerto pelo sexteto, um dos melhores destes salões de espectaculos.

A fotografia que reproduzimos, tirada pelo nosso colaborador artistico sr. Alberto Lima, é de um dos lados da sala. O cliché que se tirou do outro lado carece de retoques que não sendo possivel fazerem-se a tempo, fica para se reproduzir em o numero seguinte.

tismo de luz sonora, como se fôssem gerados em um cerebro de artista já completamente feito! Cezar Frank, a quem, durante uma lição, o auctor tinha mostrado os esboços do seu trabalho, disse que via phrases tão bem traçadas, que não se importava de ser d'ellas o auctor. E Fombreuse que tinha accitado a sua



O SEXTETO DO «OLYMPIA»

(Clichés Alberto Lima)

aprovação sem reservas, ficou contente, demais Fombreuse tinha confessado ao Mestre que era elle proprio o auctor do poema.

— Ah! o senhor escreveu tambem os versos?! Já vejo que aspira a ser um genio...

(Continúa).

Barbas parelhas não guardam ovelhas.



Manoel Maria Barbosa do Bocage

Notas para a sua biographia

Alguma coisa se tem dito e escripto sobre *Bocage*, um dos poetas que, com Anthero e Camões, constituem essa notabilissima trindade de sonetistas que jamais se apagará das paginas da litteratura portugueza. É triste sobremaneira, que o poeta seja encarado pela maioria das gentes portuguezas, como um symbolismo de reles pornographia, que apimenta a phrase dos velhos contistas de anedoctas e esfusia a gargalhada estridente dos ouvintes insaciaveis do gulodismo licencioso. Não é para esses que eu estou escrevendo, evidentemente; nem para os litteratos, por isso que não vou fazer uma critica da sua obra. A rara envergadura de Manoel Maria do Bocage, está sufficientemente tratada por José Feliciano de Castilho e Theophilo Braga.

Estes dois escriptores, nos seus dados biographicos, salientam, como não podiam deixar de o fazer, o genio turbulento do poeta. A estas informações, que, no decorrer da sua vida, nos são reveladas, julgo poder acrescentar mais algumas que reforçam ainda mais, esta caracteristica do seu temperamento.

Para isso vou socorrer-me do co'lice n.º 6473 (fundo geral da Bibliotheca Nacional de Lisboa), intitulado «Registro Diario Da Academia da Companhia d'Guardas-Marinhas. Aberta em 25 de Março d'1783. Anno de 1783.»

Na parte do diario que se refere ao dia 4 de outubro de 1783, diz:

«O *Guarda* (foi omittida a palavra *marinha*) Manoel Maria de Bocage no dia de Sexta feira, embarçou se com o G. M. Felipe d'Barros, primeiro, dentro do A. R. d'M, e depois com a espada, fora delle, maltratando-o com murros, cuja desordem prezenciou o Capitão Tenente Agostinho da Roza, ao tempo que sahia do Arcenal; e depois de os reprehender mandou prezos para os seus Quartéis.»

Mais adiante, em 8 de Novembro, quando se noticia a abertura da Academia de Artilharia, por ordem do Marquez d'Angeja, Capitão General da armada, que nomeou lente o Capitão Tenente José Jacintho d'Azevedo Leiria, determina-se o estabelecimento de duas classes; uma destinada á instrucção dos alumnos no que respeita ao nome e serventia das armas e instrumentos; e a outra ao ensino das partes da *Peça*, *Carreta*, *Vestidura*, etc.

Fazendo parte da primeira apparece-nos o nome de Manoel Maria Barboza.

A 18 de Dezembro, lê-se:

«O Sr. Capitão General d'Armada permite ao G. M. Manoel Maria L'Hedois d'Bocage, que vá para Setubal curar-se para caça de seu Pay; e que nella esteja por todo aquelle tempo que for preciso para o restabelecimento da sua saude. Cujá ordem se lhe mandará entregar pello chefe da sua Brigada, e se lançará no caderno das observações da Companhia = Paço de N. S. de Ajuda 18 de Dezembro de 1783 = Conde de S. Vice te Marechal d'Campo com exerc.º na Marinha, e Ajud.º d'Ordens, encarreg.º da Comp.º de G. G. M. M. e direcção d'Academia = Sr. Pedro d'Mariç de Souza Sarmiento Capião Tenente.»

Quando em 30 de Dezembro se effectuou o pagamento do ultimo trimestre do anno, aos Guardas-Marinhas, a revista do mesmo, accusa Manoel Maria com o vencimento mensal de 6:000 réis, tendo a nota de = doente.

Mais tarde, em 2 de Fevereiro de 1784, diz-se:

«Deu Parte de Doente, sem Certidão, e por escripto ao seu chefe de Brigada, Estanslao Antonio de Mendonça o G. M. Manoel Maria Barboza.»

No mez immediato, a 19:

«Por ordem do Illm.º e Exm.º Sr. Marquez d'Ang.º Cap.º General d'Armada. Domingo 21, será solto o G. M. Manoel Maria Barboza, pelo seu chefe de Brigada, ao tempo de o hir buscar para ouvir Missa.»

Taes são os documentos a incorporar na biographia de Bocage. Os seus biographos poucos elementos possuiram para a pormenorisação da sua vida, no periodo que decorre desde o assentamento de praça, na marinha, até á sua partida para a India, em 1786.

D'estes apontamentos, tambem se deduz um

facto que claramente contradiz, Theophilo Braga, no seu livro. É a affirmação que este escriptor faz, de que Bocage, apparece pela primeira vez assignado «Hedois» no seu despacho de Guarda-Marinha da armada da India; quando é certo, pelo que fica dito, anteriormente, que já o poeta é mencionado com este appellido, na licença que lhe foi dada, para ir tratar de sua saude, em Setubal, na casa paterna.

NOGUEIRA DE BRITO.

O Caso Lawton

POR

Azevedo Neves

Tenho diante de mim tres fasciculos, n.ºs 1, 2 e 3, do volume 1.º de *Archivos do Instituto de Medecina Legal*, de Lisboa, sob a direcção do dr. Azevedo Neves, e um volume, suplemento, subordinado ao titulo *O caso Lawton*, contendo um parecer do mesmo eruditissimo professor da Faculdade de Medicina da capital.

São aqueles, repositórios interessantes de occorrencias sensacionais, acompanhados de gravuras elucidativas e de prosa indispensavel, dentro da escrupulosa periferia do rigor scientifico.

De sciencia, é este, um monumento deveras digno de ser lido por todos os medicos e magistrados que se prezam e que pretendem caminhar para a frente.



DR. AZEVEDO NEVES

Derivou da consulta do dr. A. Arthur de Carvalho, advogado de Alberto Lawton e esposa Alma Lawton, acusados do crime de infanticidio, por sufocação, em que as justicas de Mindelo (Cabo Verde) os julgaram convencidos, bem como a parteira, Maria Gomes da Fonseca, condenando-os a 25 anos de degredo.

O parecer de Azevedo Neves, é, no genero, o trabalho mais lucido, mais perfeito, mais matematicamente concludente que até agora tenho lido, com os meus 50 a bater á porta.

O relatório da autopsia ao cadaver do filho dos esposos Lawton por dois facultativos do Mindelo que fóram testemunhas acusatorias no respectivo processo, quebrando sem cerimonia o singilo profissional, é autopsiado a valer pelo distincto mestre, por forma tão clara, tão logica, tão precisa, que o Supremo Tribunal de Justiça, por acordão de 7 de fevereiro ultimo, firmado pelos juizes E. Martins, V. Caldeira e Fernandes Braga, anulou todo o citado processo e mandou restituir os presos á liberdade!

Não disponho de espaço para maior noticia e referencia do assunto do momentoso parecer; mas, em consciencia, não posso deixar de capitular-o na categoria de lição primorosa, que será sempre do maximo proveito para os estudiosos e sensatos consultar com sisuda ponderação.

Apesar de não ter a honra de conhecer pessoalmente o dr. Azevedo Neves, d'aqui lhe envio um cordeal aperto de mão.

D. FRANCISCO DE NORONHA.

Fantasia

Quando ás vezes me sento á meza de trabalho com o espirito preocupado pelas mil frivolidades que me fazem entristecer a alma, o meu pensamento vae além das banalidades da vida, entra pelo desconhecido e paira por momentos sobre as regiões fantasticas do impossivel.

N'esses momentos, em que não pertenço ao mundo, creio-me feliz, porque a felicidade só se concebe quando estamos perfectamente alheios das banaes circunstancias da existencia.

Assim, os minutos correm, as horas passam e os dias succedem-se com a velocidade incrivel da luz. Mas o sonho desaparece, volta a verdade; são desilusões que mais amarguram a minha alma.

O terrivel *amanhã*, escurece por completo um prazer que possa vir, ou um sorriso que nos dirijam. Não ha no mundo um unico ente que não tenha sido poeta, porque, para ser poeta, basta sentir vibrar dentro em nós fibra a fibra, uma saudade, ou a candidez d'um amor. Poeta é todo aquele que ama!...

Poeta sou eu, poeta és tu.

Quem não tem no passado uma recordação que o faça reviver quando pensa n'ella com saudades?

Quem ha que tenha atravessado longos annos sem naufragar pelo caudaloso rio das paixões?

Pensa bem, e isto basta para te fazer poeta.

Imagina por um momento uns olhos encantadores, d'intenso brilho, uma boca delicada e sensual, uns seios eburneos, uma figura artistica.

Imagina te ao pé d'um ente assim, olhando te com meiguice, dispensando-te carinhos, e deixando perpassar pelo sorriso a imagem d'um nobre coração. Anda, imagina-te apaixonado. Ouvistel'a fallar, e a voz era mais um trillo de rouxinol do que a vulgaridade das vozes que tens ouvido. Diz me, não te sentes grande, elevado a um céu que idealisaste?

Pois se sentiste, vibraram em ti os harmoniosos sons da poesia. Adormeceste para sonhar porque o amor, na sua grandeza, é bello, mas é sempre... um sonho!...

Lisboa 21-4-913.

VICTOR MORAES JUDICE DA COSTA.

PELOS TEATROS

Nacional

Nêste século de vida febril e intensa a rapidez do movimento impõe-se como consequencia natural do meio. Eu pude notar ha pouco tempo numa assembleia de gente nova que a conversação era precipitada, que todos falavam depressa, que todos queriam falar ao mêsmo tempo, parecendo recear que o tempo lhes fugisse.

Creio que outrora se chamava a isso má educação, mas pela repetição do facto, observado em várias circunstancias, chego a concluir que isso tem explicação nesta febre de movimento que a vida moderna tem produzido.

A nossa intelligencia desenvolve-se num campo dia a dia mais vasto.

No teatro dos nossos avós as idéias desenvolviam-se vagarosamente, eram explicadas, deta-

lhadas por extensas narrativas e pormenores em que se descreviam, detalhadamente, os estados da alma.

Hoje o teatro procede mais por síntese, é relativamente muito mais objectivo. Apoderou-se d'êlê também o nervosismo do século e nêlê a acção tornou-se rápida como a vida.

Mas o teatro tem os seus convencionalismos e as suas regras que são as da estética e a da verosimilhança. O teatro tem exigencias imperativas. A acção tem de sêr integral.

A gradação tem de manter-se quiçá nos moldes classicos.

A originalidade da forma é, a bem se vêr, independente dessas leis. Essas leis são formulas abstractas que residem no sentimento da Humanidade e do Belo.

O tema desenvolvido na peça do sr. Carlos Malheiro Dias, intitulada *Inimigas*, é o eterno conflicto da filha com a madrasta envolvido aqui de uma concepção adoravel de amor filial brotando de uma alma nobre e generosa de rapariga.

A madrasta, cujo casamento tinha sido feito por interesse, amava um primo na companhia de quem tinha sido educada e que estudava agora medicina sob os auspicios do marido, médico célebre, na casa de quem vivia.

Uma noite em que o médico teve de se ausentar ela foi passá-la no quarto do primo com o pretexto de recordar os tempos passados em que viviam juntos. Queixa-se do suplicio que padece uma mulher vivendo com um homem a quem não ama. Ele resiste à sua seducção invocando principios de honra. A filha do médico que suspeitava de alguma coisa anormal, surpreende-os no momento em que o pae voltava a casa.

E' então que, para lhe poupar o desgosto e a vergonha de uma traição, manda sair sua madrasta e se atria aos braços do joven médico. O pae entra e numa cólera justa maltrata-a. Era demasiado para êle que sua filha, que considerava pura como os anjos, pudesse levar tão longe a falsidade.

A madrasta não pôde resistir ao amor que a devora e dispõe-se a partir, escrevendo ao marido uma carta contando-lhe o sucedido. A filha sai a acolher-se a casa da avó que, procurando para o caso uma solução, vem procurar o genro pedir-lhe explicações. Indú-lo a ir vêr sua filha e partem. Esta nêste instante volta a casa e encontra-se com a madrasta disposta a partir. Obriga-a a ficar. E quando o pae volta desesperado por não ter encontrado a filha e convicto da sua traição, a avó encontra a carta que tinha sido escrita pela madrasta e adquire a certeza de que a neta estivera ali por uma luva que mostra no chão. Com esta prova convence o pae da innocencia da filha.

O médico quer matar a sua mulher, dizendo de revólver em punho: «E' uma operação cirurgica que nunca fiz.» A filha cae lhe nos braços e impede o do seu intento.

A acção é brusca e sem vida, faltando-lhe às vezes uma certa coesão interna de estrutura.

Ha scenas que se precipitam, notadamente no primeiro e terceiro acto. O segundo é sem dúvida o melhor, aquêlê em que a acção sae vae desenvolvendo normalmente.

A peça pretende ter um caracter de impressionismo, dêsse impressionismo que está agora em moda e que tão raras vezes se acomoda com a harmonia da forma.

A peça está escrita num astilo cuidado como outra coisa não era de esperar do autôr illustre do *Grande Cagliostro* e de tantas outras obras primas da nossa literatura moderna.

Sem a preocupação de querer reduzir a acção ao minimo, estou certo de que a peça do sr. Malheiro Dias teria sido integralmente perfeita, de modo a alcançar na sua representação essa força que é indispensavel na acção dramática, por quanto que o assunto de que trata não podia sêr mais elevado nem mais honestamente conduzido.

Reapareceu a actriz Delfina Cruz que desempenhando o papel de filha do médico, deu mais uma vez mostras do seu grande talento.

A. DE MELLO E NIZA.



E' necessario não pensar que, por se ser ministro, se é mais sensato e mais esperto que os outros. — *Biemcorck*.

O punhal da Morte, de Benevenuto Cellini

Ainda não ha muito este punhal, que pertenceu a el-rei D. Luiz I, deu bastante que falar, porque tendo desaparecido do paço da Ajuda, quando do arrolamento que ali se fez depois da



PUNHAL DA MORTE, DE BENEVENUTO CELLINI, QUE PERTENCEU A D. LUIS I

implantação da Republica, appareceu, por fim, em uma caixa de correio.

Este precioso trabalho de ourivesaria, do celebre esculptor italiano Benevenuto Cellini, discipulo de Miguel Angelo, é considerado uma das suas mais primorosas obras, além da sua obra prima, *Perseu degolando o monstro*, existente no palacio Lanzi de Florença.

Entretanto diremos, de passagem, que o erudito e sabio investigador sr. Joaquim de Vasconcellos, num artigo ha pouco publicado na *Arte*, disse que o punhal em questão «era de estilo puramente peninsular» comparando-o com uma

arma semelhante que se guarda no Museu de South Kensington, designada no Catalogo: *Moorish dagger fifteen century*: punhal mourisco do século xv. Neste sentido cita varias obras em que se encontra reproduzido.

Respeitando a opinião do sabio e erudito investigador de historia d'Arte, e sem pretendermos levantar polemica sobre o caso, seja-nos permitido observar que, sendo os motivos decorativos do punhal, em questão, de figuras de animaes principiando pelo punho, que representa a Morte, num esqueleto humano, é certo que esta decoração não se compadece com o estilo arabe, que não admite animaes de nenhuma especie, pois lh'o proibe a sua religião, como é sabido.

O punhal da Morte, já fôra roubado de outra vez do paço da Ajuda, em uma noite de baile, apparecendo depois.

Sendo uma obra de arte conhecida, explica-se facilmente que ela não serviria para ser vendida por qualquer que a roubasse, mas só para a ter escondida, pois logo que dela houvesse noticia, comprometeria criminosamente a pessoa a quem fôsse encontrada.



PUBLICAÇÕES

Um Aventureiro na Empresa de Ceuta, por A. Braamcamp Freire. Livraria Ferin, Lisboa, etc. Opusculo de 32 pags. e mais viii de anteposito, frontispicio e Explicação. Este opusculo cujo assunto foi pela primeira vez publicado em 1885, em diferentes numeros do *Diario Illustrado*; tornado a publicar, com modificações, em 1903, no *Jornal do Comercio*, voltou agora a ser reeditado, com novas modificações e como subscidio para a comemoração da tomada de Ceuta e morte de Afonso de Albuquerque a celebrar em 1915, para o que foi nomeada pelo Governo uma comissão de que o sr. Anselmo Braamcamp Freire é o presidente.

Nesta terceira reedição, o autor pode verificar quanto a narrativa de Antonio de La Salle, testemunha ocular da conquista de Ceuta, se ajustava com a narrativa de Pizarro e de Gomes Eanes de Azurara.

E' este o ponto importante do opusculo em que, deresto, se descreve com muito brilho a celebre tomada de Ceuta, uma das maiores glorias guerreiras das armas portuguezes, como o foi do Mestre de Aviz, D. João I e dos infantes seus filhos que nela tomaram parte.

Reflexopathia e Reflexoscopia, pelo dr. Luis Oscar Romero, da Academia de Medicina do Rio de Janeiro. Paris, imprimerie ch. Contant, 21, 1913. Opusculo de 16 pags. E' o resumo da comunicação feita á Academia de Medicina do Rio de Janeiro, em sessão de 22 de agosto de 1912, pelo autor.

A Reflexotherapie foi fundada pelo dr. H. Jaworski, de Paris, o que representa um progresso da medicina, e sobre a sua applicação e resultados, em muitas doencas consideradas cronicas, diserta o sr. dr. Oscar Romero, chamando a atenção dos estudiosos da medicina para esta nova therapica, que está alcançando grandes triunfos.

A Arvore. Leitura patriótica a favor da profagação, defesa e cultura da Arvore, com um prefacio do Dr. José de Castro. XII volume da *Biblioteca da Infancia*. Edição da Casa Alfredo David, encadernador, rua Serpa Pinto, 30 e 36, Lisboa.

Este volume de cerca de 200 paginas, nitidamente impresso em papel *couché*, profusamente illustrado de lindas gravuras e com uma elegante encadernação, não é menos interessante que os precedentes publicados pela *Biblioteca da Infancia*, acrescentando nele a oportunidade do assunto de que trata, cuja utilidade é reconhecida, como meio educativo de grande alcance.

A cultura das arvores não é só a afirmação da cultura dos espiritos, mas um elemento de riqueza e de hygiene de um país, que não se deve desprezar.

O livro *A Arvore* trata muito bem o vasto assunto, quer na parte historica, quer na parte scientifica, sendo a sua leitura das mais instructivas e ao mesmo tempo das mais amenas, proprias a illustrar o espirito das creanças e ainda dos adultos.

CARNES DA COMPANHIA INGLEZA

Todas as boas donas de casa devem dar preferencia ás magnificas carnes da **Companhia Inglesa**, superior a todas as outras do mercado, sendo o gado apartado com todo o esmero e engorda feita expressamente em colonias espezias. — A fiscalisação do abatimento das rezes e conservaço das carnes é feita nas mesmas condiçoes em que o são as carnes consumidas em toda a Inglaterra.

NÃO CONFUNDIR



NÃO CONFUNDIR

A Carne Argentina d'esta companhia superior a qualquer outra, é vendida ao publico mais barata do que qualquer outra pelos seguintes preços:

Prego do peito	} Kg. 180 réis
Abas — Cachaço — Chã-bã	
Peito alto — Pá — Assem	} 260
Chã de fóra — Rabadilha — Ganço — Vasio	} 300
— Roas-beaf — Alcatra	

Delicadesa do pessoal — Boa qualidade da carne — Exatidão no peso

As carnes da Argentina d'esta Companhia, impõe-se pela sua qualidade extra e **SÓ** se vendem nos talhos pintados a **BRANCO E VERMELHO** com o emblema registado e representado n'este annuncio.

Loja Sol

V.ª SILVA SOUZA & C.ª

82, Rua da Assumpção, 82

TELEPHONE N.º 847

Canalisações

PARA

água, gaz
e esgotos

INSTALLAÇÕES
ELECTRICAS

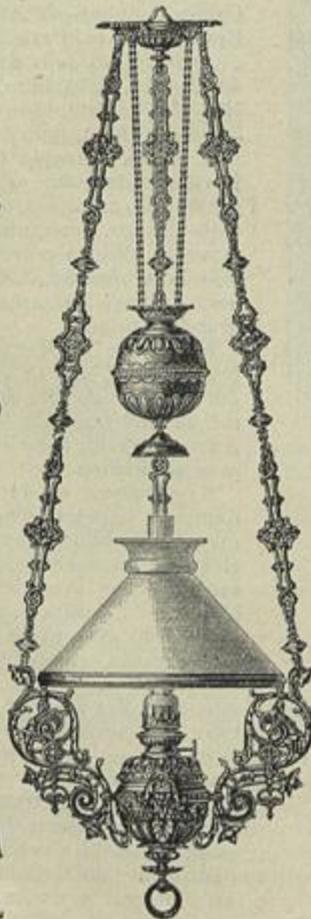
FOGÕES
a gaz e a petroleo

ESQUENTADOR

A

GAZOLINA

Privilegio da LOJA SOL



TUBOS

de chumbo e de borracha

LOUÇA

de ferro esmaltado

RETRETES, TINAS
E LAVATORIOS

Esquentadores

a gaz
e a gazolina

Variado sortimento
de
candieiros de gaz
e suspensões



A. COUTO
ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815

Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as **ULTIMAS** novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13.500 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22.000 réis. Ha sobretudos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis



Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca
Exigir pois esta marca
em todos os estabelecimentos

CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

**CONTRA
A TOSSE**

LABOPE PEITORAL
JAMES

Único especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saude Publica, ensaiado e approvado nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. *Pedro Franco & C.ª, Lisboa.*

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais efficaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas, 200 réis

Cada lata " " " " 240 "

A' venda em todas as pharmacias